

**DO SUBÚRBIO DE PARIS À GUIANA FRANCESA: ITINERÁRIO DE UM
FRANCÊS QUE SE TORNOU UM “PORTUGUÊS IMAGINÁRIO” NO BRASIL
E UM “BRASILEIRO IMAGINÁRIO” NA FRANÇA**

From the suburbs in Paris to French Guiana: the itinerary of a French who became an “imaginary Portuguese” in Brazil and an “imaginary Brazilian” in France

Stéphane GRANGER, Lycée Melkior-Garré¹

PRIMEIROS ENCONTROS COM A LÍNGUA PORTUGUESA

Sou professor de história e geografia há vinte anos na Guiana Francesa, fazendo grande parte do meu ensino em português, e o encontro com a língua portuguesa mudou meu destino. Vou contar como.

Nasci em 1963 no centro-oeste da França (Tours, na região dos Castelos do Loire), mas me criei um pouco no sul, e principalmente no subúrbio de Paris. Lá havia muitos imigrantes portugueses, portanto, os sons da língua portuguesa faziam parte do meu universo de adolescente.

Quando estudava no primeiro ano do ensino médio francês, fiz amizade com um estudante português, António, há pouco tempo na França. Na época, já gostava da música andina e eu era apaixonado pelas sonoridades da língua espanhola, mas no colégio estudava alemão e inglês... Também conhecia alguns cantores brasileiros bastante famosos na França, como Gilberto Gil e Nazaré Pereira, uma cantora amazonense radicada na França e que cantava sucessos do Luiz Gonzaga, entre outros. António, reparando a minha apetência para as músicas “latinas”, me emprestou discos de fado, e adorei. Interessei-me pelas semelhanças fonéticas com o francês (os fonemas como *ch*, *j*, *rr* e as vogais nasais), mas também com o dialeto do sul da França (o occitano ou provençal), cuja grafia inspirou o português quando se constituiu como língua escrita, e que eu conhecia um pouco.

¹ Doutor em geografia (IHEAL -Universidade de Paris 3-Sorbonne Nouvelle) e professor de ensino internacional na seção brasileira do liceu Melkior-Garré, Caiena. Email: granger.stephane@orange.fr

Assim, depois do *bac* (o ENEM francês), quando vi que, na escola onde me preparava para estudar numa “classe preparatória às grandes escolas”, no subúrbio sul de Paris, havia uma opção de língua portuguesa, inclusive para principiantes, pensei em me inscrever. Mas eu hesitava por causa da carga horária a mais num ensino já muito pesado, e ainda pensando em aprender o espanhol. Porém, o destino, como também foi o caso anos depois, era mesmo a favor do português: um dia antes da inscrição, no programa de jazz que eu costumava ouvir na rádio estatal, o destaque do dia era Stan Getz, com, entre outras, a música *Garota de Ipanema*, que o famoso saxofonista americano gravou com João Gilberto e Tom Jobim. Essa música tão linda e sensual, com letras que entendia um pouquinho, foi para mim uma revelação! No dia seguinte, também me cadastrei às aulas de português. E se a *Garota de Ipanema* fosse a responsável por tudo que aconteceu em seguida?

DE PORTUGAL AO BRASIL ...

Estudei o português durante um ano, com duas horas semanais, com uma professora francesa que tinha vivido em Portugal e nos ensinou, com grande rigor, os sons particulares do português falado em Portugal, que, aparentemente conservei até hoje! Depois, continuei sozinho com o mesmo material didático quando entrei na universidade, onde também comecei a aprender o espanhol, mas sem chegar a misturar as duas línguas. E continuava descobrindo os tesouros da MPB, graças aos programas de rádio ou televisão: Chico Buarque, Caetano Veloso, Milton Nascimento, Jorge Ben, Gal Costa, Vinícius de Moraes com Baden Powell e Toquinho....

Com vinte anos de idade, resolvi viajar três semanas em Portugal, sozinho, para tomar um banho linguístico. Ainda não falava muito bem, mas dava para me comunicar. Ao chegar ao albergue de juventude de Lisboa, onde me hospedaria, o gerente queria porque queria que eu fosse português. Respondi que não podia, que eu ainda falava mal! Mas ele retrucou: “*Sim! Tens uma cara de português!*” Não foi o único: frequentemente, quando pedia uma informação com meu português hesitante, as pessoas pensavam que eu era filho de emigrantes. De fato, pouquíssimos turistas falavam

português, e eu, pelo que se dizia, “*parecia português*”! Tive a sensação estranha de não ser percebido como estrangeiro num país estrangeiro, como se este país fosse um pouco meu.

Conciliei os estudos e o trabalho em Paris; deixei de lado o português por falta de tempo, sem oportunidade de falar, e meu grande amigo, António, tinha voltado para Portugal depois do *bac*. Consegui uma vaga no ministério do Planejamento e do Alojamento em Paris, e também passei no concurso de professor de história e geografia.

Na época, o serviço militar era obrigatório na França, mas os jovens cientistas, professores e técnicos superiores, depois dos estudos, podiam efetuar-lo como “cooperante”, isto é, como civil, num país estrangeiro e durante 2 anos. Esse tipo de serviço nacional era muito procurado, mas com poucas vagas, principalmente na África francófona. Aos 25 anos, idade limite, candidatei-me, indicando uma preferência para a América do Sul e destacando um “conhecimento perfeito” da língua portuguesa, o que era, é claro, muito exagerado... Mas deu certo: fui escolhido para ensinar e reorganizar o ensino do francês durante 2 anos nas escolas de oficiais do Exército brasileiro, no Rio de Janeiro. Lembro-me do alívio do funcionário do ministério francês de Assuntos Exteriores que me contratou quando aceitei a vaga: ele não conseguia encontrar candidatos falantes de português! Obrigado, António e *Garota de Ipanema*!

UM “PORTUGUÊS IMAGINÁRIO” NO RIO DE JANEIRO

Éramos seis cooperantes nomeados em várias universidades ou escolas do Brasil, e tivemos uma formação intensiva de uma semana em português “do Brasil” em Paris. Nosso professor, um carioca bem animado, nos levou anos templos da MPB em Paris, que mais tarde virariam a ser meus redutos quando voltei.

Cheguei ao Rio em 1º de setembro de 1988, ao mesmo tempo fascinado e um pouco ansioso. Mas não tive dificuldade de adaptação: o português falado no Brasil era bem mais fácil de entender do que o português de Portugal, só que, cada vez que falava, as pessoas me perguntavam: “*Você é português?* ” Tentava então imitar o sotaque brasileiro. Não adiantava: nesse caso, eu passava por argentino...

Quando me apresentei, um pouco impressionado, aos oficiais todos fardados que dirigiam o Centro de Estudos do Pessoal do Exército (o CEP), no Leme, onde eu ía trabalhar, o vice-diretor, um coronel, falou para seus colegas, divertido: “*Ele fala com sotaque de Portugal!*” Respondi que, na França, eu tinha estudado o português de Portugal. O coronel retrucou: “*Ah, então você fala português de Portugal... sem sotaque!*” Todo mundo caiu na gargalhada e me senti muito mais à vontade. Depois, fui apresentado aos outros professores e oficiais do CEP e da Escola de Estado-Major do Exército onde também ensinei, da seguinte maneira: “*Professor Stéphane é o nosso novo professor do convênio com a França. Só que desta vez, os franceses fizeram uma piada: mandaram um português!*”.

Assim, me senti rapidamente adotado no Brasil, mas não como francês: como português disfarçado de francês! Sempre ouvia que eu tinha “*um jeito de português*”, e os colegas contavam para mim as famosas “*piadas de português*”, que são iguais às que contam os franceses sobre os belgas. Acabei, portanto, pouco a pouco, me sentindo português e me tornei um “*português imaginário*”, isto é, um português no olhar dos outros (como já tinha acontecido em Portugal) e até no meu próprio, sem ser português de verdade. Comprei discos de música portuguesa, interessei-me pela política e atualidade portuguesas. Aliás, o português lusitano que falava na época causou uma cena bastante divertida: pouco depois da minha chegada, fui convidado por colegas da escola militar a assistir a um show do Martinho da Vila na praça Tiradentes, lugar um pouco “quente” do Rio. Ao chegar, vi a fila e falei com meus colegas: “*Que grande bicha!*” E todo mundo riu, pois *bicha é fila* em Portugal, só que a colega me corrigiu sem explicar o sentido verdadeira da palavra *bicha* no Brasil, por isso não entendi a gargalhada no momento.

Mas essa lusitanidade não impediu que também me tornasse um carioca de coração, um “*carioquês*”, dizia uma colega do CEP. Segui a campanha eleitoral para as eleições presidenciais de 1989 como se fosse um eleitor brasileiro, assistindo a vários comícios, o que era proibido pelo meu estatuto! Também assistia, com amigos brasileiros, aos ensaios da Mangueira no morro, e desfilei na Marquês da Sapucaí com uma escola do grupo 2 cujo nome esqueci. Como bom carioca, tinha um time: tornei-me

torcedor do Botafogo depois de ver a garra desse time no Maracanã (foi pouco antes do Botafogo se tornar campeão estadual, depois de 20 anos).

E conheci várias partes do Brasil durante esses 2 anos: Belo Horizonte e as cidades coloniais de Minas Gerais, São Paulo, Salvador, Recife, Belém, Brasília, Curitiba, as cataratas de Iguaçu. Mas o mais inesquecível foi assistir, ao vivo, a shows dos meus ídolos de juventude – Caetano, Chico Buarque, Jorge Benjor, Gilberto Gil ou Djavan –, além de descobrir Martinho da Villa, João Bosco, Marisa Monte, Paulo Moura, Marina Lima, Gonzaguinha, Alcione...

UM “BRASILEIRO IMAGINÁRIO” NA FRANÇA

Infelizmente, no final do meu serviço, tive que voltar para França, no verão de 1990. Eu, que não gostava muito de futebol, assistia na televisão a todos os jogos da Seleção na Copa de 1990. Amarguei a derrota brasileira: tive o sentimento de perder um laço familiar com o Brasil. Finalmente, acabei me sentindo como um exilado brasileiro na França!

Ensinei no subúrbio norte de Paris e no noroeste da França durante 7 anos, mas sem perder os laços nem com o Brasil, para onde voltei duas vezes, nem com os amigos. Tinha de fato uma forte saudade do ambiente e do carinho das pessoas. Entrei na Associação Francesa para o Desenvolvimento dos Estudos Portugueses e Brasileiros (ADEPBA), onde fiz amizades com estudantes brasileiros. Nunca tinha perdido a esperança de voltar para o Brasil; fazia comida brasileira (bobó de camarão, peixe e camarões ao leite de coco), batidas e caipirinhas, assistia a festas e eventos brasileiros em Paris para ter oportunidades de falar português.

Mas quando voltei a Portugal, meu “país imaginário”, em 1991, onde aproveitei para visitar meu velho amigo António, que ensinava o francês, cada vez que eu abria a boca, ouvia “*Será que o senhor é brasileiro?*”, ou: “*Você é brasileiro? De que parte do Brasil?*” Perguntas, às vezes, também formuladas por brasileiros radicados em Portugal. Será que tinha virado um brasileiro imaginário?

Finalmente, reparei que tinha possibilidades de vagas de professor em um território francês de ultramar pouco conhecido no norte da América do Sul, que faz fronteira com o Brasil (no Amapá): a Guiana francesa! Candidatei-me e, em setembro de 1997, estava quase de volta, a 200 quilômetros da fronteira com o Brasil.

UMA FRANÇA FRONTEIRIÇA COM O BRASIL

No final do século XX, apesar da proximidade geográfica e da forte presença de imigrantes brasileiros (10% da população), a Guiana francesa parecia longe do seu vizinho: poucas pessoas falando ou aprendendo o português, e um certo receio por parte da população em relação a um suposto expansionismo brasileiro. Muito difundido, por exemplo, era o boato sobre uma reivindicação da Guiana Francesa por parte do Brasil, ou que a Guiana Francesa aparecia incluída no Brasil nos mapas oficiais deste país. Mas um ano antes, em 1996, tinha sido assinado um acordo de cooperação transfronteiriço entre a Guiana Francesa e o estado do Amapá. Tive, assim, a ideia de redigir uma tese de geografia política sobre as relações entre a Guiana Francesa e o Brasil, que defendi em 2012, e que me permitiu estabelecer muitos laços e até amizades com geógrafos e historiadores brasileiros. Também tive oportunidades de acompanhar viagens de estudantes ao Brasil (Macapá, Belém, São Luís e Recife), e até de atuar como intérprete para seminários de história ou de arqueologia em Caiena.

No entanto, Portugal continuava me perseguindo: em 2002, uma professora (brasileira) do polo franco-guianense da universidade das Antilhas e da Guiana francesa, que me conhecia um pouco, me propôs a vaga de professor de história e civilização portuguesa (em português) para o segundo ano de estudos universitários de língua portuguesa! Não era muito especialista, mas pouquíssimos eram, na época, os professores capazes de dispensar um ensino de história em português. Desde então, tive a oportunidade de fazer na universidade várias aulas sobre história de Portugal, da África lusófona e do Brasil, além das aulas no ensino médio. Se a maior parte dos estudantes eram brasileiros ou filhos de brasileiros, reparei que muitos escreviam em

espanhol ou portunhol: falavam português em casa, mas nem todos tiveram oportunidade de estudar essa língua no colégio.

Portanto, quando o Departamento de Línguas e Relações Exteriores da Secretaria da Educação da Guiana Francesa quis, a partir de 2006, oferecer, além de cursos de português, o ensino de história e geografia em outras línguas europeias além do francês, fui escolhido para ministrar cursos esse ensino em português no ensino médio e obtive um certificado para ensinar em português, o que, aliás, já fazia na universidade.

Além disso, há, na França, principalmente no ensino médio, as chamadas *sections internationales*, tais como americanas, espanholas e alemãs. São seções de elite que participam de convênios com os países parceiros, e onde os estudantes recebem, além dos cursos tradicionais, um curso de literatura numa língua estrangeira, e metade da carga horária de história e geografia na mesma língua (sendo a outra metade em francês). A Secretaria da Educação da Guiana Francesa decidiu criar, depois da visita da presidente brasileira na França em 2012, além de uma seção americana, uma seção brasileira, que se tornou assim a primeira da França. E novamente fui escolhido para ser o professor de história e geografia e o coordenador. Fomos, *dessa forma*, pioneiros na Guiana Francesa, já que existem, desde 2016, três novas *sections internationales* brasileiras: no novo *lycée international de l'Est parisien* perto de Paris, e nos liceus franceses do Rio de Janeiro e de São Paulo, ambos trabalhando com a programação que fiz para minha escola de Caiena (o liceu Melkior-Garré). Já foram 4 promoções, somando 26 estudantes que passaram em Caiena o *baccalauréat option internationale brésilienne*, os únicos na França por enquanto.

A pedido novamente da minha colega brasileira da universidade, também participei, em 2016, da formação de adultos brasileiros para o Exame Nacional de Certificação de Competência de Jovens e Adultos (ENCCEJA), substituindo um professor brasileiro sem disponibilidade. Isso me permitiu reforçar laços antigos com o Consulado geral do Brasil em Caiena que organizava o exame. Ensinei as ciências humanas a adultos, inclusive no presídio de Caiena, com doze presos brasileiros: quase todos paraenses ou maranhenses, ligados à garimpagem clandestina, mas detidos por

outros crimes menos ou mais graves. Porém, todos muito simpáticos e educados, com desejo de aprender e tentar nova vida depois da prisão, uma experiência para mim muito enriquecedora, e mais uma vez permitida pelo conhecimento da língua portuguesa. Infelizmente, nunca me foi possível prestar, na Guiana Francesa, o Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (Celpe-Bras), por falta de envolvimento por parte das autoridades ou das universidades brasileiras.

Aproveitei a proximidade geográfica com o Brasil, viajando a cada 2 ou 3 meses a turismo, ou participando de projetos educacionais transfronteiriços. Foi durante a preparação de uma viagem pedagógica em São Luís, em 2004, que conheci uma moça, que tornar-se-ia minha companheira até se não oficializamos, e que me envolveu na cultura maranhense: ela fazia parte de um grupo de tambor de crioula, uma dança tradicional maranhense de origem africana, e me fez integrar uma escola de samba de lá, Marambaia, com a qual desfilo agora quase todos os anos no carnaval de São Luís! Graças a ela consegui tirar um CPF, e tenho um endereço oficial em São Luis...

Estou tentando agora expandir a política de cooperação regional do governo estadual da Guiana francesa, com os estados de Amapá, Pará e Amazonas, até o Maranhão, que tem com ela bastante pontos em comum historicamente e culturalmente (os franceses colonizaram a Guiana quando foram expulsos do Maranhão, no século XVII), mas, por enquanto, sem sucesso.

No momento, estou participando de um projeto de pesquisa franco-brasileiro “*Guyamazon*” sobre as mobilidades na região transfronteiriça do Oiapoque, envolvendo o *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS) e o *Institut de Recherche pour le Développement* (IRD), a Universidade da Guiana Francesa e as Universidades Federais do Amapá (UNIFAP), Pará (UFPA), Amazonas (UFAM) e Maranhão (UFMA). Publiquei vários artigos de geografia ou de história em português em revistas científicas brasileiras ou livros em parceria com colegas da UNIFAP ou da UFPA, portanto estou cadastrado na plataforma Lattes, e confio que meu objetivo é de trabalhar mais tarde como professor convidado numa universidade brasileira, como é caso do meu orientador francês, Hervé Théry, na USP.

*Dossiê Especial: Português como Língua Adicional em contextos de minorias:
(co)construindo sentidos a partir das margens*
BIZON & DINIZ (Orgs.)

Ainda hoje, muitos são os brasileiros que me percebem como português, e os portugueses como brasileiro. Ficam espantados quando respondo que na verdade, sou francês, da Guiana Francesa. O famoso escritor francês Albert Camus afirmou: “a língua é uma pátria”. Seja lusitano ou brasileiro, o português também se tornou minha pátria!